

**EDITORIAL - TRANSMASCULINIDADES E NÃO-BINARIEDADES EM PERSPECTIVAS ORIGINÁRIAS**

ESCRITO POR THÁRCILO  
LUIZ DA SILVA HENTZY

Como sua última publicação do ano de 2023, número nove, edição quatro, a Revista Estudos Transviades organizou o presente Dossiê, intitulado “*Transmasculinidades e Não-binariedades em Perspectivas Originárias*”, que apresenta textos, poesias, fotografias e artes visuais produzidas por pessoas que reivindicam suas origens e ancestralidades indígenas. Acreditamos que ao destacar especialmente as confluências entre transmasculinidades, não-binariedades e identidade étnico-racial indígena, enfatizamos o reconhecimento e valorização da diversidade de saberes indígenas e das identidades trans, e favorecemos a memória originária enquanto o conjunto de conhecimentos, tradições, histórias e práticas dos povos que aqui estavam desde antes da invasão colonial.

Pensar a binariedade de gênero como construção da colonialidade refere-se à análise crítica das relações de poder, identidade de gênero e construções sociais que foram influenciadas pelas dinâmicas coloniais.

Isso envolve examinar como as estruturas coloniais auxiliaram na formação de normas de gênero, hierarquias e estereótipos que impactaram, muitas vezes de maneira prejudicial, as experiências de diversas identidades. O entendimento dessa interseção é essencial para uma compreensão mais profunda das experiências de gênero no contexto brasileiro, e a isto pretendem contribuir os materiais que constituem este Dossiê.

A ideia de sua composição foi propiciada pela perspectiva que questiona as narrativas coloniais dominantes de Okara Yby, autore e pesquisadore kontrabynárie, nascide no estado do Rio de Janeiro e em retomada para seu povo potyguara (PB), que propõe o conceito de “Transcestralidade Indígena”, trazido como tema de uma *live* realizada junto à Revista Estudos Transviades em julho deste ano. A fala de Okara foi transcrita e, como o texto que inaugura a edição, pode e deve ser apreciada.

Seguimos para o poema e a peça de Yan Sol Tupiguarani Pataxó, intitulado *Um café para minha mãe*. O drama retrata diálogos entre três personagens, KauãAtã, Carine e Raabe, e os entraves de retornar à família após 11 anos de afastamento sendo uma pessoa trans.

Logo após, Vic Gualito (Nehnencayolotzin) nos apresenta o artigo Transcestralidades indígenas como ferramenta de resistência contra o genocídio de identidades não-binárias na América Latina. Nas palavras du autores, “este artigo propõe uma breve reflexão sobre o poder emancipatório da reivindicação das transcestralidades indígenas como ferramenta de auto-conhecimento, reapropriação e de resistência [...]”.

Nilo Ybyraporã de Sousa, com seu poema Transviado vidro, realiza uma forte crítica sobre o que se entender sobre transição, ser uma pessoa trans e transviada: “Cês fala que acredita em gênero / fluido mas é só até o gênero fluir”. Em outro trecho, escreve “se perguntar se eu tô destransicionando. / Eu tô. / Me desfazendo de novo do / casuo hiper masculino que eu fiz / de escudo a uns anos atrás.” Nessa mesma linha, Mika Kaliandrea, com o poema Cara, versa sobre a coragem de se adentrar o “escuro do amanhecer”.

Dayo do Nascimento, com seu projeto *Caminhos do Norte*, expõe “uma série de placas de reivindicações das memórias, da presença e da vida no Norte”, e questiona tanto o silenciamento produzido pela branquitude cisgênera, como as falsas alianças que tentam firmar.

Apresentamos, então, as fotografias de grafites de Ré Cyborg, além de uma foto de si. Em seguida, Aliendígena expõe registros da performance realizada na residência artística *Filhas do Apocalypse*.

Em tom de questionamento, o texto de Paprep Mywayj Kanela, intitulado *Qual o sentido do gênero?*, problematiza, resgatando a história de Tybyra, a imposição ocidental de categorias de gênero que traz consigo processos de violência, genocídio e apagamento histórico. Ao fim, apresentar um ensaio fotográfico seguido de uma poesia.

Pyxuá, por sua vez, expõe seu material escrito *Não respeita nem a terra vai respeitar o meu pronomé?*. Dividido em 10 poemas, seu material provoca a cisgeneridade e a branquitude sobre suas expectativas com o corpo considerado diferente em suas palavras: “Suas ideia moralista eu já sei de onde vem / Adora um turista, / vender a diferença quanto convém / Acha que sofre mais violência / Pra colônia fala amém”.

Passamos então para Marin Maciel, que inicialmente apresenta três gravuras e uma fotografia, introduzindo em seguida seu artigo Cruzar o invisível até que o vazio esteja tão cheio que se escute o barulho do silêncio. Em suas palavras, é preciso “Sonhar outros corpos possíveis de habitar. Encontrar abismos inconscientes. Ser tragado pelo mistério”.

Em seu texto "Retomada na Ballroom", Thárcilo Luiz nos conduz a uma reflexão sobre as relações entre a cultura ballroom e a retomada da ancestralidade indígena por meio de relatos da Primeira e Segunda Ball's indígenas realizadas no Brasil.

Ravi Carvalho Veiga, em seu artigo *Economia Criativa LGBTQIAPN+ e transmasculinidades no estado do Amazonas*, realiza um breve histórico sobre economia criativa fomentada por DJs, artistas diversos, escritores LGBTQIAP+ no Amazonas. Ao final, apresenta vários artistas nesse âmbito comum.

Juão augusto Rodriguez Kyntynu, em seu artigo Nóyz: ORÍgynarys Akylombano Rap para ReforestAR o Jeito de Amar, escreve sobre as relações entre rap e resistência originária, trazendo várias referências, como EMicida, Katu Mirim, Coruja BC1 e Wescritor, entre outras.

Finalizamos nossa edição com o ensaio fotográfico de Kayê A'nu Vasconcellos Ozorio, em sua conexão com a transcestralidade, compreendendo-a como tecnologia ancestral, e com seus referenciais afro-pindorâmicos.

**BOA LEITURA!**